

RINOCERONTE MARCONDES

Índigo

© Silvana Fando



Resenha

O menino nunca tinha visto ninguém tão grande e tão forte quanto Marcondes, o colega de trabalho que seu pai havia trazido para passar alguns dias em sua casa, contra a vontade de sua mãe. Acontece que Marcondes era, na verdade, um rinoceronte e, portanto, estava longe de ser alguém sociável. A cada vez que alguém lhe dirigia um cumprimento ou uma pergunta, não recebia de volta uma resposta articulada, mas sim um grunhido indiscernível. De fato, Marcondes não era lá de muita conversa, muito embora fosse uma presença difícil de ignorar.

No dia em que o sisudo visitante decidiu finalmente voltar para sua casa, a mãe do menino surpreendeu a todos, opondo-se à partida. Segundo ela, Marcondes não poderia ir embora até aprender as regras mínimas de sociabilidade – ou seja, ele deveria se mostrar capaz de conversar “como gente”, respondendo sem rosnados, grunhidos, resmungos ou muxoxos. A partir de então, o rinoceronte passou a praticar com empenho palavras como “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite” e “obrigado”, até que finalmente foi autorizado a voltar para sua casa, bastante mudado. A mãe do garoto, por sua vez, após a partida do rinoceronte, adquiriu o hábito de “soltar os bichos” de vez em quando: de tempos em tempos, tranca-se no banheiro para rosnar, resmungar e grunhir à vontade.

Em *Rinoceronte Marcondes*, Índigo usa a imagem do enorme mamífero ameaçado de extinção, para falar um pouco a respeito dos desafios da sociabilidade humana. Será que é fácil compreender (e utilizar) os códigos da linguagem que norteiam as relações



Coordenação:
Maria José Nóbrega

entre as pessoas? O quão fácil ou difícil é estabelecer relações amistosas com aqueles com quem convivemos todos os dias? Quando precisamos “soltar os bichos”, colocar para fora sentimentos e sensações que talvez não sejam considerados socialmente aceitáveis? De maneira bem-humorada, a autora cria uma história singela para nos lembrar do quanto aprender a se relacionar pode não ser uma tarefa fácil. Como a própria autora confessa em sua biografia ao final do livro, ela mesma costumava ser “um bicho do mato”.



Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

No começo da leitura de *Rinoceronte Marcondes*, eu mesmo achei que era um livro sobre aquelas pessoas difíceis, que não sabem se comunicar, com quem a gente não consegue facilmente estabelecer algum tipo de relação.

Terminado o livro, meu filho mais velho desatou a falar sobre outro assunto, sobre brincadeiras com amigos da escola. Contou sobre as divisões dos amigos em grupos, das disputas na hora de escolher a brincadeira. Falou da vontade de brincar com outros e outras colegas da sala, enfim, engatou esse assunto muito naturalmente depois da leitura. Apertei os olhos para conseguir ver o que no livro havia levado o guri às questões de lida social com que se depara na escola. Escutei. Perguntei sobre as questões que ele trazia, conversamos bastante, mas não consegui entender o salto que partiu do *Rinoceronte Marcondes* e chegou ao 2º ano da tarde.

Acontece que esse livro não é sobre aquelas pessoas lá, aquelas descritas no primeiro parágrafo. É um livro sobre meu filho. E sobre mim. Sobre uma capacidade (ou sobre uma incapacidade) de comunicar o que tem dentro da gente. Descobri isso conversando com a mãe de meus filhos. Ela me falava sobre a dificuldade dele em dar nome aos sentimentos, que ela vem conversando com ele nesse sentido, que os homens não são socialmente treinados para expor suas emoções. Uma luz maluca acendeu aqui.

Dois outros livros que meu filho leu nos últimos tempos têm influenciado bastante nossas conversas: *Mania de Explicação*, de Adriana Falcão, e o *Emocionário*, de Cristina Nuñez Pereira. São livros sobre dar nome aos sentimentos e emoções, são excelentes começos de conversa aqui em casa. Mas o *Rinoceronte Marcondes* tinha mais alguma coisa que os outros pareciam não beliscar junto ao meu filho. A conversa sobre as brincadeiras dos amigos ainda não estava resolvida para mim.

Foi então que entendi (mais por uma casualidade do que por minha própria perspicácia) que a história do amigo do papai, que vem passar um tempo em casa, com o final que traz o foco da narrativa para a mãe, com a carta ao Marcondes, com a gravata e a barriga do paquiderme, com as tentativas do próprio narrador de se comunicar com o incomunicável, na verdade, pegaram meu filho por um viés muito específico: das questões de gênero.

Claro! Como pude não perceber isso antes? Acontece que meu filho percebeu porque, apesar de ser homem, a formação dele está sendo bastante diferente da minha. Sua narrativa das brincadeiras da escola era exatamente sobre a questão tratada no conto de Índigo e Silvana Rando. Para tentar exemplificar, ele me contava sobre a dificuldade dos meninos em dizerem o que sentiam, sobre a necessidade de resolver suas carências de comunicação ou suas frustrações a partir do descuido ou grosseria com os próprios amigos. Ele me contava sobre como era bom poder brincar com as meninas e dar nome aos sentimentos, assim como me mostrava que, para elas, as meninas, também era difícil nunca poder explodir de raiva ou cansaço ou frustração.

Não sei se as autoras tiveram essa preocupação ao longo do processo de criação da obra, mas posso garantir que a leitura do meu filho foi atravessada pela ideia de que a formação de meninos e meninas é diferente e isso é nocivo tanto para as meninas quanto para os meninos. É evidente que essa forma de entender o livro passa por minhas próprias expectativas, por meu entendimento de como se deve criar filhos no mundo de hoje. Ler novamente com meu filho essa história fez com que pudéssemos, eu e ele, entender em nós mesmos os Marcondes, os rinocerontes, mas também entender onde em nós mora um pouco daquela mãe que não tinha espaço para deixar suas próprias emoções fluírem. Enfim, leituras pessoais que ganharam corpo nas conversas com meus filhos aqui em casa.

Talvez seja sempre isso um livro, não? Uma ferramenta para organizarmos o mundo, organizarmos nossa própria visão de mundo. Marcondes, Marquinhos e sua mãe nos ajudaram muito por aqui!



Um pouco sobre a autora

Índigo é o pseudônimo de Ana Cristina Ayer de Oliveira, nascida em Campinas, em 29 de agosto de 1971. Durante boa parte de sua vida estudou na escola Dom Barreto, um colégio católico em sua cidade natal que não lhe deixou muito boas lembranças. Formou-se em jornalismo pela Universidade do Estado de Minnesota, nos Estados Unidos, conhecida também como Mankato, porém nunca exerceu a profissão por falta de interesse naquilo que ela costuma chamar de “informações reais, objetivas e factuais”. O pseudônimo surgiu logo que ela começou a publicar seus contos na internet, em 1998. Alguns anos depois, em 2001, deixou a agência de publicidade onde trabalhava para se dedicar inteiramente à carreira literária. Começou de modo inusitado, distribuindo pela cidade de São

Paulo 500 cartazes que diziam “Contrate uma Escritora/Originalidade Garantida”. A jogada funcionou e Índigo começou a receber vários convites de trabalho, como para fazer vinhetas para a MTV, roteiros de animação para o Cinemágico da Disney e curtas-metragens. Em pouco tempo, já estava sendo entrevistada pelo apresentador Jô Soares. Em 2005, começou a escrever contos no caderno de temática infantil da *Folha de S.Paulo*, a Folhinha, afirmando, assim, sua preferência pelas crianças. Em 2006, o Ministério da Educação concedeu a ela o prêmio Literatura para Todos pelo livro *Cobras em compota*.



Leia Mais

Da mesma autora

- ✕ *A maldição da moleira*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Saga animal*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Um dálmata descontrolado*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Cobras em compota*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *As aventuras de Glauber e Hilda*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✕ *Um pinguim tupiniquim*. Rio de Janeiro: Manati.

Do mesmo gênero

- ✕ *Aqui, bem perto*, de Alexandre Rampazo. São Paulo: Moderna.
- ✕ *O mistério do coelho pensante*, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco.
- ✕ *O guarda-chuva do vovô*, de Carolina Moreyra. São Paulo: DCL.
- ✕ *Harvey: como me tornei invisível*, de Herve Bouchard e Janice Nadeau. São Paulo: Pulo do gato.
- ✕ *Mari e as coisas da vida*, de Kaatje Vermeire. São Paulo: Pulo do Gato.